

OS CABELOS CRESPOS DE ZURI E BETINA: RETRATOS DO PROTAGONISMO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL

Tamires Oliveira Pereira¹

Resumo: Trata-se da literatura infanto-juvenil como objeto de valorização da estética afro, mais especificamente, o cabelo crespo. O objetivo é apreciar o protagonismo negro na literatura infantojuvenil por meio do letramento literário. O embasamento teórico constitui-se de autoras e autores como Nilma Lino Gomes (2003); Regina Zilberman (2012); Lília M. Schwarcz (1993); Elisa L. Nascimento (2003), Ione Jovino (2006); Heloísa Pires Lima (2005) e Antônio Sérgio Guimarães (1999). A metodologia é bibliográfica, seguida de análise qualitativa de duas obras literárias infantis — *Amor de cabelo* de Mathew A. Cherry (2020) e *Betina* de Nilma Lino Gomes (2009). Espera-se efetiva contribuição do uso das literaturas selecionadas, com vistas à valorização da estética afro-brasileira.

Palavras-Chave: Racismo. Literatura infantil. Estética afro.

INTRODUÇÃO

A promulgação da Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003) impulsionou o crescimento de produções literárias voltadas à identidade afro-brasileira. O letramento literário como alternativa viável de associação das práticas sociais ao universo da literatura, tem possibilitado o aprofundamento do trabalho de valorização da estética afro nas escolas.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Profa. Dra. Licia Soares de Souza. Endereço eletrônico: tami434oliveira@gmail.com.

Na primeira infância, a oferta de boas referências, pela via da educação, pode contribuir para a construção da identidade das crianças a partir de uma visão positiva de si e de sua história. Para além do pertencimento étnico, a disseminação da cultura afro-brasileira do ponto de vista afrocentrado corrobora à superação de práticas discriminatórias, muito recorrentes no ambiente escolar. Inúmeras obras infantojuvenis tratam de temáticas diversificadas que abordam a luta dos povos africanos e brasileiros e preservação da memória, perpassam pelos conhecimentos compartilhados via tradição oral, e introjetam elementos de valorização da cor da pele e dos traços físicos.

Um dos traços físicos mais bem representados e trabalhados nas obras infantis são os cabelos, enviesados pela multiplicidade dos penteados e pela tradição do trançado passada de geração em geração. Por esta razão, a escolha de duas obras da literatura infantil contemporânea — *Amor de Cabelo* de Matthew A. Cherry (2020) e *Betina* de Nilma Lino Gomes (2009) — tem por objetivo evidenciar o protagonismo negro na literatura infantojuvenil por meio do letramento literário e refletir sobre a necessidade da abordagem da estética afro para a construção da identidade das crianças, desde a primeira infância.

Sabendo que o letramento literário exerce forte influência no trato da narrativa escrita no ambiente escolar, surge a seguinte indagação: quais as relações que se estabelecem entre a literatura infanto-juvenil e a temática da estética afro no processo de construção da identidade da criança? Para compor a discussão teórica autores (as) como Nilma Lino Gomes (2003) Regina Zilberman (2012), Lilia Schwarcz (1993), Elisa L. Nascimento (2003), Heloísa Pires Lima (2005), Antônio Sérgio Guimarães (1999) e Ione Jovino (2006) dentre outros, trazem importantes contribuições sobre a história da literatura infantil e a inserção de personagens negros, a influência e reverberações das teorias raciais na

conformação da identidade nacional brasileira e as mudanças nas concepções de identidade étnico-racial provocadas pela luta dos movimentos negros, ainda no século XX.

A metodologia de pesquisa baseia-se em uma abordagem qualitativa a partir de revisão bibliográfica seguida de análise de elementos discursivos presentes em duas obras infantojuvenis. No capítulo 1, será realizada revisão de literatura científica sobre a história da literatura infantil com ênfase nas personagens negras e contextualização com as temáticas: raça e racismo. A partir de discussões sobre a estética da perspectiva afrocentrada, presentes no capítulo 2, será realizada a análise qualitativa de dois livros com vistas a promover a articulação entre a literatura infantojuvenil, o protagonismo negro e a importância do letramento literário à promoção das discussões sobre a cultura afro-brasileira e africana dentro e fora do espaço escolar, do ponto de vista estético. Em seguida, será realizada a descrição das obras selecionadas, como também serão destacados aspectos que as assemelham ou as distinguem.

O SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL

A literatura voltada para o público infantojuvenil no Brasil começou a se desenvolver no início do século XIX, porém a sua origem remonta à Europa do século XVIII, com bases, inicialmente pedagógicas e instrumentais, que somadas ao caráter da aquisição da linguagem e a relação entre fantasia e realidade, bem compreendidas pela literatura infantil, caracterizaram sua natureza ambígua e desvalorização por parte do público adulto (ZILBERMAN, 2012).

Nesse ínterim, a literatura infantil também passou por transformações quando o público infantojuvenil passou a ocupar o

espaço escolar a partir da educação formal, assim surgiram os contos clássicos de origem europeia que se tornaram referencial de literatura. No Brasil não foi diferente, nos fins do século XIX, as obras começaram a ser publicadas com o mesmo objetivo pedagógico. As personagens negras surgem décadas mais tarde, em formatações discriminatórias e estereotipadas (JOVINO, 2006).

Lima (2005, p. 102) salienta que “o livro infanto-juvenil reordena as ideologias através de estratégias específicas”. Desse modo, as narrativas contribuíram para o agravamento da produção das diferenças e desigualdades, fortaleceram a condição subalternizada em que a população negra se encontrava, sem protagonismo negro, nem voz, para que contassem suas próprias histórias.

Paralelamente a este contexto, Schuwarcz (1993) explica que as teorias raciais marcavam profundamente o debate sobre a formação da identidade nacional. Nos anos de 1870 os *homens de ciencia* buscavam amoldar as teorias advindas do imperialismo europeu ao cenário brasileiro já miscigenado, no entanto, “a ciência penetra como ‘moda’ e só muito tempo depois como prática e produção”. Entre os *homens de ciencia* encontravam-se cientistas, políticos, missionários, pesquisadores e literatos, paradoxalmente o conceito de “raça” adaptado no Brasil, apresentou definição biológica, porém interpretação social. A autora complementa que

se é certo que o conhecimento e a aceitação desses modelos evolucionistas e darwinistas sociais por parte das elites intelectuais e políticas brasileiras traziam a sensação de proximidade com o mundo europeu e de confiança na inevitabilidade do progresso e da civilização, isso implicava, no entanto, certo mal-estar quando se tratava de aplicar tais teorias em suas considerações sobre raças (SCHUWARCZ, 1993, p. 46).

Guimarães (1999) aprofunda essa discussão de como se constituiu o racismo no Brasil ao longo do século XX, ao abordar os conflitos entre cientistas, teóricos e estudiosos para definir os conceitos de raça, etnia e preconceito aos moldes brasileiros. O país vivenciou o projeto de nação, baseado numa suposta harmonia nas relações raciais, a elite brasileira suprimiu as diferenças culturais e étnicas da história oficial, negou as origens de cada povo e o sentimento de pertencimento.

Se contextualizarmos o cenário político, acadêmico, econômico e social deste referido século, é possível imaginar sob quais perspectivas, as personagens negras eram apresentadas na literatura como um todo. Lima (2005) faz um levantamento mais específico de literaturas infantis brasileiras produzidas em diferentes décadas desta época, que vão desde à perpetuação de imagens estereotipadas caracterizadas pela escravidão, trabalho, tristeza, exotismo e violência presentes nas ilustrações, às narrativas que reforçam as estruturas de dominação já no período pós-abolicionista, deixando implícito o tipo de imagem negativa do negro e da negra que se desejava perpetuar.

A título de exemplificação, e por ser o mais conhecido e antigo entre as obras citadas pela autora, destaca-se a série *O sítio do Pica-pau Amarelo* e produções derivadas, do escritor Monteiro Lobato, as quais as primeiras produções são datadas de 1921. A representação da personagem “Tia Nastácia” em suas variadas versões, seja na pintura grotesca dos tons da pele, ou mesmo nas caracterizações implícitas de inferioridade, da condição de serviçal ou descuido pessoal, enfatizam o papel subalternizado da mulher negra, à época (LIMA, 2005).

A partir de 1975, as produções literárias infantis passaram a evidenciar personagens negros (as), elementos da cultura, inclusive temas polêmicos, como o preconceito racial. A evidente mudança

de postura de alguns autores gerou novas percepções acerca do racismo, entretanto, algumas narrativas tendenciavam hierarquizações nos aspectos raciais, sociais e até mesmo estéticos (JOVINO, 2006).

A literatura infanto-juvenil contemporânea das últimas décadas rompeu com as representações ambíguas, as personagens negras ganharam protagonismo e se tornaram narradoras de suas próprias histórias, ressaltando os diversos aspectos da ancestralidade, da tradição oral, da valorização da beleza negra, das mitologias e religiosidade.

LETRAMENTO LITERÁRIO NA PERSPECTIVA ÉTNICO-RACIAL

As relações com o cânone literário e a predominância da leitura de obras consagradas pela cultura hegemônica, vem sendo lentamente superadas pela disseminação de obras de ficção que conectam o leitor com a narrativa de forma mais expressiva e aproximada de sua realidade, na tentativa de superar, portanto, as limitações das práticas de leitura escolares.

Ressignificar os fins pedagógicos que caracterizaram o surgimento da literatura infantil, implica em uma nova postura do leitor diante do texto, visto que a identificação com a narrativa e com os personagens, impactam diretamente na produção de novos sentidos e subjetivações. Mobiliza, inclusive dentro do mercado editorial, autores e autoras a criarem produções literárias mais criativas e engajadas com as questões socioculturais, ou seja, que contemplem de modo assertivo as particularidades do universo infantil.

A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não

submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprimida toda referência concreta (ZILBERMAN, 2012, p. 30).

Com o objetivo de desconstruir e refazer o imaginário popular de personagens negras nos livros, a literatura infantojuvenil contemporânea avoluma uma lista, cada vez mais diversa, de obras que remontam à ancestralidade, voltada para o orgulho da descendência, da cor, da textura dos cabelos, dos corpos, das histórias e nuances que coletivizam o pertencimento étnico-racial.

O contexto teórico contemporâneo a respeito da literatura infantil e juvenil tem apresentado propostas de elaboração de conceitos importantes para identificar o novo cenário de produção de obras e de interações entre linguagens, seja verbal, visual, verbovisual nas narrativas das últimas décadas. A variedade com que o suporte “livro” vem se oferecendo aos seus projetos editoriais mostra que alterações importantes nas concepções de leitura, de literatura, de leitura literária, de letramento literário, ocorrem no cenário editorial (MARTINS; BELMIRO, p. 1, 2011).

Se o letramento literário ocorre, predominantemente, no ambiente escolar, significa que os elementos da cultura afro-brasileira e africana encontram ricas oportunidades de serem desenvolvidos a partir das obras literárias, não apenas nos primeiros anos escolares, mas por toda a trajetória acadêmica dos estudantes, independentemente da identificação étnica. Apresentações teatrais, movimentos artísticos, contação de histórias, atividades corporais como a dança ou jogos são bons exemplos de atividades que podem derivar da leitura literária.

ELEMENTOS DA COMPOSIÇÃO ESTÉTICA AFROCENTRADA

O movimento de combate ao racismo e de valorização da estética afro, remonta ao século passado, dentre os variados movimentos sociais e manifestações culturais que registraram seu lugar na história, destaca-se o Teatro Experimental Negro (TEN).

Em defesa pelos espaços, autoafirmação e luta pelos direitos, o TEN, liderado por Abdias do Nascimento, rompeu fronteiras através de suas realizações com o objetivo de garantir acesso à educação alternativa e emprego, valorização da beleza e talentos negros, visibilidade da arte e cultura negras através do teatro e de eventos culturais promovidos na época. A falta de representatividade positiva nos meios culturais, mobilizou o TEN a resgatar “o legado cultural e humano do africano no Brasil” e protagonizar o negro como forma de romper o cerco da recorrente folclorização a que a arte negra era enquadrada (NASCIMENTO, 2003).

Implícita à afirmação da estética de origem africana estava a questão da matriz de identidade como suporte de realização humana no plano individual e coletivo. A identidade elaborada de forma positiva permitiria a criação das condições necessárias ao exercício da agência humana e histórica por parte do povo afrodescendente. Por isso a atuação do TEN em torno da questão estética, sob a rubrica da Negritude, trazia um conteúdo político essencial (NASCIMENTO, 2003, p. 316-317).

Gomes (2003) reforça a necessidade de pensar a identidade negra para além do pertencimento étnico-racial, como sujeitos sociais, os múltiplos marcadores que abrangem a cultura e a história, traduzem-se de formas distintas e complexas tanto no âmbito pessoal como social. Sendo este processo de construção gradativo e instável, ocupa primordialmente o contexto familiar, e manifesta-se em diferentes espaços institucionais ou não.

Lima (2005) problematiza a noção de cultura a partir da literatura ao indagar que “a cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo. E se pensarmos nesse universo literário, imaginado pela criação humana, como um espelho onde me reconheço através dos personagens, ambientes, sensações?” Se a literatura é comparada a um “espelho”, deve-se salientar a importância do trabalho com a literatura infantil na escola, pois contribui para a formação de cidadãos críticos e reflexivos, e, pela sua grande incidência nos primeiros anos escolares, assume caráter formador na identidade da criança.

A indagação da autora reverbera no campo da educação, pois a escola enquanto importante agente mobilizador, pode contribuir para o espelhamento da cultura hegemônica, normatizações e sistemas de valores, ou pelo contrário, juntamente com seus agentes mediadores, pode assumir o lugar da quebra de paradigmas, desconstrução de estereótipos, enfrentamento do racismo e de práticas discriminatórias por meio de diversas práticas pedagógicas inovadoras, dentre elas, a contação de histórias e atividades derivadas. Referente a este aspecto:

A literatura pode ser uma forte aliada no combate ao racismo, especialmente quando apresentada nas bases, ou seja, às crianças, desde que acompanhada de muito estudo, de conhecimentos teóricos sobre as africanidades, de muito empenho e, sobretudo de sensibilidade, seja por parte de pais, educadores, escritores, ilustradores, ou seja qualquer pessoa que irá auxiliar para que a mensagem do texto literário chegue de forma adequada ao seu público leitor (PESTANA, 2019, p. 8).

É possível observar ainda os reflexos da atuação dos Movimentos Sociais Negros, articulados desde as primeiras

décadas do século passado, por meio de políticas de ações afirmativas vigentes em todo país a partir dos anos de 2000, que se ainda não tem sua efetivação indiscutível, já provocam a desestigmatização de comportamentos e representam conquistas das populações negras nos mais diversos espaços.

A educação como uma via de acesso, disseminação e promoção de conhecimentos tem a possibilidade de criar práticas de combate ao racismo em suas estruturas sociais. Assim, marcos legais como a Lei 10.639/03 e 11.645/08 (BRASIL, 2003; 2008) que tornou o ensino obrigatório da História e cultura africana, afro-brasileira e indígena em todo currículo escolar, o Estatuto da Igualdade Racial por meio da Lei 12.288/10 (BRASIL, 2010), a Lei de Cotas no Ensino Superior por meio da Lei 12.711/2012 (BRASIL, 2012) além do trabalho desenvolvido por diversas ONGs, tem o objetivo de amparar legalmente e contribuir de modo efetivo para a reparação histórica aos grupos étnicos subalternizados.

As mudanças provocadas após a promulgação da Lei 10.639/03, em específico, provocaram o aumento de produções literárias que ressaltam o protagonismo negro de forma positiva, sem estereótipos e com representações gráficas cada vez mais sofisticadas e modernas. Pestana (2019) reforça a potência multifatorial da literatura infantil:

Entendemos a Literatura afro-infantil como um braço da Literatura afro-brasileira ou Literatura Negra, que além de seu caráter estético, prazeroso, criativo e intelectual, têm como marca primordial seu caráter militante, de engajamento político-social, que traz reflexões sobre identidade, respeito, autoestima e ancestralidade. Podemos afirmar que a Literatura infantil com temática étnico-racial é sim uma literatura reflexiva que busca empoderar seus pequenos leitores. Quando um livro traz personagens negros envolvidos em conflitos identitários, problemas de socialização e aceitação, e quando estes personagens conseguem superar tais conflitos e no fim se

tornam pessoas mais felizes, ele está transmitindo claramente uma mensagem de otimismo, reconhecimento e valorização, ou seja, tudo o que o povo negro precisa para se empoderar e ser feliz (PESTANA, 2019, p. 7).

O CABELO CRESPO NAS HISTÓRIAS INFANTIS: DUAS PERSPECTIVAS

Para fins de contextualização se faz necessário, primeiramente, incorporar alguns destaques da biografia do autor e da autora selecionados. O diretor de cinema, produtor e editor norte-americano Matthew A. Cherry é ex-atleta da *NFL-National Football League* (Liga Nacional de futebol americano), segundo informações retiradas do próprio site² do cineasta, a história do curta-metragem nasceu da escassez de produções de animação com vistas à valorização da estética dos cabelos afro. Em 2019, ano de lançamento, o livro *Hair Love* entrou na lista de *best-sellers* do *New York Times*, e em 2020, o curta-metragem de mesmo título, foi vencedor do Oscar na categoria de “Melhor Curta de Animação”.

A professora e pesquisadora Nilma Lino Gomes³ é brasileira, natural de Minas Gerais, possui doutorado em Antropologia Social pela USP (Universidade de São Paulo), integra a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Possui vasta experiência no campo da Educação e Diversidade Cultural e já recebeu diversas premiações pela sua competência e engajamento, como o Troféu Yalodê, do Projeto Raízes de Áfricas-III Festival de Palavras Pretas (2011). Em 2009, escreveu seu primeiro livro infantojuvenil *Betina*, já em 2013 lançou *O menino coração de tambor*.

² Ver <http://www.matthewacherry.com/#/hair-love/>.

³ Ver <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/368-nilma-lino-gomes>.

Na tese de doutorado de Gomes defendida em 2002, intitulada *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*, posteriormente transformada em livro, foi observado que as histórias dos sujeitos entrevistados, alguns proprietários de salões étnicos, envolviam em algum aspecto, o ambiente escolar como local de vivências de racismo e discriminação na infância e/ou adolescência, por conta da estética de seus corpos, mais especificamente, dos seus cabelos (GOMES, 2003).

Ao fazer um recorte para a temática da estética dos cabelos nos livros infantis, serão destacadas duas obras para breve análise. A primeira: é de origem norte-americana em versão traduzida para o português, intitulada *Amor de cabelo* de Matthew A. Cherry (2020) com tradução de Nina Rizzi. A segunda: é brasileira, intitulada *Betina* de Nilma Lino Gomes (2009), ilustrada por Denise Nascimento.

O primeiro livro selecionado se tornou inspiração para o curta-metragem *Hair Love* de mesmo autor (Matthew A. Cherry) e as ilustrações são de Vashti Harrison, publicado pela Editora Galerinha Record. A história infantil começa com frases inspiradoras que mostram a relação de respeito e autocuidado da personagem Zuri com seus cabelos. Logo cedo, ao acordar, a menina deseja ter um penteado que viu na internet, para celebrar o retorno de sua mãe para casa.

As próximas páginas focam nas tentativas de seu pai em fazer penteados que frustram Zuri, nesse ponto, o recurso ao *tablet* com o rápido acesso à rede torna-se instrumento de resolução prática para o problema da trama. Pai e filha resolvem seguir o passo a passo de um tutorial da internet, e o cabelo fica perfeitamente finalizado. Nas últimas páginas, a personagem põe a sua capa de super-heroína e reencontra com sua mãe na porta de casa.

As ilustrações de Vashti Harrison se revelam coloridas e vibrantes com a presença dos tons de rosa e/ou violeta na maioria das páginas, as imagens denotam cenas do cotidiano: quarto infantil bagunçado, brinquedos espalhados, rabiscos, parque infantil, ambientes da casa dos personagens como o banheiro, onde a maior parte das imagens é retratada. Há referência da boneca preta e do carrinho azul, porta-retratos de momentos importantes da família, o gato da personagem principal, presente em muitas cenas, incorporando ares de fantasia à história por meio de expressões. O cabelo da personagem é castanho e volumoso, em diversas páginas está solto ou é representado pelas tentativas frustradas de penteados do pai, personagem jovem, negro, com tatuagem, cabelos compridos e trançados.

No curta-metragem, a história da mãe ganha maior ênfase, pois contextualiza melhor a situação em que se encontra: recém-curada de alguma enfermidade, aguarda a sua família no hospital para retornar ao lar. Ao ver o desenho de si, com uma coroa na cabeça feito pela filha, ela decide voltar para casa sem o lenço, acessório que encobriu a ausência dos cabelos.

O segundo livro selecionado Betina (GOMES, 2009) conta a história da relação entre neta e avó ao trançar os cabelos, constituída por momentos recheados de afeto e brincadeiras, a menina fica contente a cada penteado. No decorrer da história, Betina é bem recebida no espaço escolar com elogios da professora e torna-se o centro das atenções ao explicar curiosidades aos colegas. A narrativa também evidencia as formas discriminatórias a que Betina é sujeitada por outras crianças contrapondo com uma resposta descontraída e segura. A história é enriquecida pelo diálogo tocante entre avó e neta sobre ancestralidade e a necessidade de ensinar a Betina a arte do trançado. A personagem é brincalhona, comunicativa e seus cabelos pretos estão sempre penteados com tranças.

Em um importante momento da obra, a avó conversa com a neta: *Você vai trançar o cabelo de toda a gente, ajudando cada pessoa que chegar até você a se sentir bem, gostar mais de si, sentir-se feliz de ser como é, com seu cabelo e a sua aparência*⁴. O tempo passa, a avó de Betina morre, e ela se torna “Betina-mulher-cabeleireira”, seu talento extrapola as paredes do salão, até que um dia recebe o convite para palestrar em uma escola e vive um momento ímpar de troca de experiências com os estudantes.

Finaliza-se a análise da obra, com a expressividade das personagens, o olhar, em sua grande parte, é desviado do encontro com o leitor para o foco da contemplação, do sonho, do futuro. O próprio nome da personagem principal homenageia uma das cabeleireiras participantes da pesquisa nos quatro salões de Belo Horizonte e citada no livro *Sem perder a raiz-Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* (GOMES, 2019).

ENTRELAÇAMENTOS DAS HISTÓRIAS

As duas histórias infantis trazem como protagonistas meninas negras em faixa etária semelhante, as quais demonstram autoaceitação e autoestima elevada, caracterizada principalmente pelos referenciais familiares. No trecho: *Papai diz que são lindos! Eu fico toda orgulhosa. Adoro que meu cabelo seja tão eu!*⁵ denota a autoestima e o empoderamento da criança constituídos nestas relações. Alguns elementos implícitos de representatividade destacados pela presença da boneca preta, de fotografias de família reafirmando a constituição de suas memórias e a admiração de figuras importantes no cotidiano de toda criança como a professora e colegas de classe.

⁴ GOMES (2009, p. 16).

⁵ CHERRY (2020, p. 3).

Outro aspecto interessante, é a presença de duas ilustrações (Figura 1 e Figura 2)⁶ caracterizadas pela imagem frontal que ressaltam o rosto das personagens presentes em ambos os livros, chamando atenção do leitor para esse momento de apreciação da estética afrocentrada.

As ilustrações de Denise Nascimento, pintadas em aquarela, são ricas em significados, cores vibrantes perpassam todas as páginas, detalhes de apliques em renda configuram algumas páginas como alusão à perfeita feitura das tranças, é possível notar a variedade de penteados como um aspecto importante para o enredo. Há imagens que sugerem brincadeiras na infância num contexto de diversidade e referencialidade através da boneca preta, observa-se em várias páginas, os cabelos, os corpos, os animais em movimento denotando um aspecto salutar que traduz muito das pesquisas de Nilma Lino Gomes.

A temática dos cabelos crespos é muito presente nos livros infantis contemporâneos, como uma forma de evidenciar a beleza da curvatura, das texturas, do volume dos fios, e sem dúvida, da versatilidade por meio dos penteados, fortemente destacados nas narrativas apresentadas. Sob diferentes contornos, o enredo revela formas de cuidados com o cabelo desde à lavagem, uso de cremes para pentear até mesmo acessórios para produzir os penteados.

Outro aspecto relevante é o modo como é operada a linguagem positiva, através de elogios ou apelidos carinhosos: *Que cabelo cheiroso!*⁷, referenciais de super-heroína: *Quando estou com dois puffs poderosos, fico nas nuvens, como uma super-heroína.*⁸ E destaque da personagem Betina como empreendedora de sucesso: *Quem passava pelo salão de Betina saía de lá com os cabelos bem*

⁶ Ver em anexos.

⁷ GOMES (2009, p. 8).

⁸ CHERRY (2020, p. 5).

*tratados, com penteados diferentes, tranças criativas, e cheio de energia boa! Parecia mágica!*⁹

Tanto no curta-metragem quanto no livro *Amor de Cabelo* (CHERRY, 2020), a figura masculina, representada pelo pai com cabelos longos e trançados, assume carinhosamente o lugar dos cuidados com o cabelo da filha, ainda que desprovido de experiência e manejo.

Assim, muda-se a perspectiva mais usual das histórias infantis, que abordam a temática do cabelo crespo, nas quais a figura feminina, a exemplo da mãe, avó ou tia, exerce o papel afetivo e geracional de cuidar/trançar os cabelos dos mais novos, valorizando traços da estética afro que incidem na construção de suas identidades, na postura firme e consciente diante dos padrões de beleza hegemônicos. Esse perfil de escolha dos personagens é encontrado no livro *Betina* (2009), pois não há presença da figura masculina, ou seja, a referencialidade do talento de trançar cabelos é geracional e feminina.

As obras selecionadas podem agregar contribuições importantes para a construção da identidade da criança negra, particularmente a menina, pois desde muito cedo, recebe críticas e comentários negativos sobre a aparência, e o cabelo, em particular, é alvo de diferentes formas de preconceito sofridas principalmente, no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por força de Lei, fundamentalmente, com vistas a superar, ou pelo menos, problematizar as diferentes formas de racismo que o ambiente escolar ainda reproduz, as histórias infantojuvenis, se prestam ao papel, muito mais que pedagógico, de contribuir para a

⁹ GOMES (2009, p. 16).

construção de referenciais positivos de si, de disseminação da cultura africana e afro-brasileira e aprofundamento de práticas antirracistas através da linguagem, das brincadeiras e das relações interpessoais desde a primeira infância.

Reitera-se, portanto a necessidade de engajamento da escola como local da referencialidade positiva no discurso de seus agentes, principalmente de professores e professoras, na comemoração de datas festivas mais situadas e sem estereótipos, nos recursos utilizados assim como nos livros didáticos, que possam contemplar todas as disciplinas. O uso da literatura é um caminho viável porque une elementos da fantasia e a ludicidade para tratar de temas diversos e muitas vezes complexos, alcançando o público a que se destina de forma divertida e interativa.

Na superação do uso dos livros literários, para fins meramente didáticos, uma alternativa viável e problematizadora, ocorre por meio do letramento literário, no qual a ficcionalidade das narrativas infantis possibilitam o estabelecimento de conexões mais amplas com as práticas sociais e produzem sentidos mais significativos para o leitor, enquanto criança negra, em processo de constituição de sua identidade. Nos primeiros anos da escola, o recurso à literatura é bastante recorrente, desse modo, a incorporação de obras que retratem o protagonismo negro e elementos da cultura afro-brasileira reforçam as tentativas de superação das forças ideológicas que operam neste espaço.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei Nº 10639, 09 de janeiro de 2003*. Brasília. DF, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 2 set 2021.

BRASIL. *Lei Nº 11.645 de 10 de março de 2008*. Brasília. DF, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 1 set 2021.

BRASIL. *Lei Nº 12.288, de 20 de julho de 2010*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 1 set 2021.

BRASIL. *Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 29 ago. 2012, Seção 1, p. 1-2. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 2 set 2021.

CHERRY, Mathew A. *Amor de cabelo*. Trad. Nina Rizzi. 2. Ed. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2020. 32 p.

GOMES, Nilma Lino. *Betina*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009. 24p.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. Raça e Racismo no Brasil. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999. 257p.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infante-Juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos AfroOrientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 181-217.

LIMA, Heloísa Pires. Personagens negros. Um breve perfil na literatura infante-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). *Superando Racismo na escola*. 2. ed. revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Teatro Experimental do Negro: tramas, textos, atore. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças Cientistas, instituições e questão racial n Brasil 1870-1930*. 11. reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 1. ed.dig. São Paulo: Editora Global, 2012.

ANEXOS

Figura 1-Personagem Zuri



Fonte: CHERRY (2020); GOMES (2009)

Figura 2-Personagem Betina



